

AVENÇA

A REGENERAÇÃO



Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro

Composição, impressão e Redacção na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Relatório da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos

O que pode fazer uma Câmara

Se algum dos leitores de *O Mensageiro* não conhece a vila de Figueiró dos Vinhos, aconselhamos-lhe uma visita à Sintra do Distrito, que, pela sua paisagem, pela sua localização, pelos panoramas a disfrutar, pelas obras de arte que encerra a sua Igreja Matriz, pela hospitalidade e urbanidade de seus habitantes, bem merece essa visita.

Temos presente o relatório da gerência camarária que o seu digno presidente apresentou ao Conselho Municipal. Cumpriu a lei, que isso dispõe no seu artigo 77, por os dignos vogais do Conselho Municipal ao corrente do estado financeiro do município, das obras realizadas e do plano estabelecido para novas obras que coloquem o concelho de Figueiró na escala dos concelhos em que o Estado Novo encontra a sua razão de ser, a sua justificação.

Consola ler o relatório e no mesmo se vê a meticulosidade no emprégo das receitas, a economia nas despesas e como se procurou com tão honesta, prudente e sábia administração ocorrer às necessidades, que havia no concelho.

Em Figueiró dos Vinhos acontecia o mesmo que em todos os concelhos. As Câmaras com uma legislação má, transformadas para viver em dependências dos partidos políticos, sem receitas, sem auxílio do Poder Central, os que quisessem e soubessem trabalhar para o progresso dos seus concelhos não o podiam fazer. O Estado Novo veio acabar com esse estado de cousas e o concelho de Figueiró dos Vinhos é aquele em que mais sobressai essa obra

Sem ligações com nenhuma sede de freguesia, hoje todas essas freguesias estão ligadas à sede do seu concelho por

boas vias de comunicação, com excepção duma—Aréga—mas até a esta o Município procurou facilitar o seu acesso ao mercado que frequenta—Cabacos—e trabalha para a ligar à sede com uma boa estrada, para o que já se estão realizando algumas obras de arte.

Quem conhece o concelho de Figueiró dos Vinhos sabe o acidentado dos terrenos, os ribeiros, as ravinas, o que foi necessário fazer para se conseguir que os meios actuais de transporte, de viação pudessem chegar a todas as freguesias e localidades principais. Pois conseguiu se.

Sobre instrução é ainda modelar o concelho de Figueiró, construindo, reparando, mobilando escolas em todo o concelho, criando escolas e postos de ensino.

As fontes, base da higiene nas localidades, mereceram especial cuidado, sendo muitas localidades dotadas com fontes, chafarizes e lavadouros.

A própria vila de Figueiró dos Vinhos acompanhou o progresso das terras, que mais tem progredido. O seu Município conduziu água potável para os prédios, água que foi captar a 5 quilómetros, instalou a luz eléctrica, ajardinou o largo e construiu um Parque e Casas para os Magistrados.

Este ano deve ser concluído o Hospital e o edificio dos Paços do Concelho, que foi devorado por um incêndio, edificio que a Câmara tinha aumentado, modernizado e voltará, apoz a reconstrução, a albergar todas as repartições.

E tudo isto foi feito com um orçamento reduzido que a princípio era de 500 contos e agora pouco excede 700! Bem administrado, com o auxílio do Estado conseguido em comparticipações, com rigorosa fiscalização sobre o emprégo dos

Novo Hospital

Como é do conhecimento do nosso concelho, o Governo do Estado Novo, pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, concedeu à Santa Casa da Misericórdia a importância de 137.000\$00, para a conclusão do seu hospital.

No concelho de Figueiró, têm-se feito muitas obras e sobre algumas, as opiniões dividiram-se acerca da sua utilidade imediata, mas quanto à construção do novo hospital, não há duas opiniões.

Todos concordam que esta obra deva ser rapidamente feita.

Sendo esta a opinião geral, pois está no ânimo de todos, nada mais temos a esperar.

A S. C. da Misericórdia, deve pôr mãos à obra e mais nada.

Será assim?

Não é. E' que em tudo e por tudo, não há honra sem senão.

E com o caso presente, assim sucede.

A S. C. da Misericórdia o Governo do E. N. concedeu a importante verba, que acima referimos, mas em contra-partida, aquela entidade, é obrigada a entrar com verba ainda maior.

E' a lei que o determina, o subsídio foi concedido nestas condições.

E' aqui, portanto, que surge a primeira dificuldade para a S. C. da Misericórdia, pois ela não possui a verba correspondente aos 137000\$.

Então que fazer?

Afigura-se-nos, sem entrar em promenores, que a Misericórdia é forçada a lançar um apêlo a todo o concelho, a fim de a auxiliar nesta obra, cuja finalidade, todos muito bem compreendem.

Está, pois, em causa, uma obra, cuja utilidade não admite discussão

dinheiros do Município, a Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos, sob a presidência do nosso prezado amigo ex.º sr. dr. Manuel Simões Barreiros, digno Procurador à Câmara Corporativa, impõe-se a todos como modelo de administração, de trabalho, de iniciativa, de amor ao seu concelho, de honra para o Estado Novo. Outras há felizmente no Distrito que a seguem e a elas nos referiremos.

Por hoje queremos felicitar Figueiró dos Vinhos pelo muito que tem progredido e o nosso prezado amigo, dr. Simões Barreiros e aqueles que trabalham na gerência da Câmara a que tão digna e zelosamente preside, pela sua obra.

(D' O Mensageiro)

Factos & Noticias

Presidente da Câmara

Foi a Lisboa a convite do sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações, na passada semana, o ex mo sr. dr. Simões Barreiros, presidente da nossa Câmara e procurador à Câmara Corporativa.

A aliança francesa em Leiria

A primeira reunião convocada para constituir definitivamente a Aliança Francesa em Leiria efectuou-se na sede da Biblioteca Erudita no dia 21 do corrente.

Em nome da Comissão organizadora, o director da Biblioteca Erudita expôs às pessoas que a essa reunião compareceram os fins, o programa e os meios de acção do novo organismo local e informou do seu modo de organização. Fez-se a leitura do projecto dos Estatutos o qual depois de discutido foi aprovado. No cumprimento das disposições legais em vigor foi requerida ao ex.º sr. Governador Civil do Distrito a necessária autorização para que a Aliança Francesa possa constituir-se e entrar em actividade.

Depois de cumpridas estas primeiras formalidades legais começará o trabalho de propaganda de forma que em breve se estabeleça o quadro dos seus aderentes e se apliquem em eficiente cooperação as boas vontades de quantos se sentem amigos da França e da sua cultura.

Obras

A nossa Câmara recomeçou os trabalhos das obras, que em consequência dos últimos temporais, tinha suspenso.

Os trabalhos do mercado, assim como estrada de Arega e pontão de Alge, já andam em laboração.

E' uma grande coisa e tanto mais porque se atenua a falta de trabalho, que bastante se faz sentir.

e que se deve levar até à sua conclusão, atendendo ao seu fim humanitário que todos muito bem compreendem.

Sendo assim, porque é, estão em causa os sentimentos humanitários do nosso concelho, em primeiro lugar e, em segundo o seu amor próprio, o seu bairrismo.

Para estes sentimentos vai certamente, apelar a S. C. da Misericórdia e estamos certos que o não fará em vão.

Conhecemos bem o nosso concelho, conhecemos razoavelmente os seus sentimentos altruístas.

O nosso povo, em regra, não é mau; conhecemos também até onde

Armando Sérgio Carvalho da Encarnação

Por deliberação da Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha, após concurso público, e por despacho de Diário do Governo de 14 do corrente, foi nomeado para exercer as funções de Chefe da Secretaria Municipal daquela Câmara o nosso querido amigo e valioso colaborador sr. Armando Sérgio Carvalho da Encarnação, que há sete anos tem ocupado o lugar de Chefe de Secretaria da nossa Câmara com o zelo e proficiência que todos lhe reconhecem.

Armando Sérgio da Encarnação exerceu o cargo de nosso Chefe de Redacção durante aproximadamente um ano. Desta curta passagem por entre nós, ficou sempre viva a maneira como *A Regeneração* foi orientada, marcando um plano de evolução nítido para um jornalismo assente sobre bases humanitárias e úteis para quasi todos os nossos leitores.

Projectava um grupo de amigos oferecer ao nosso camarada um jantar de despedida; infelizmente, este não pôde realizar-se em virtude do recente desgosto que no principio de Janeiro sofreu com a morte do seu saudoso filho Sérgio Miguel,—mas realizar-se-á em data oportuna.

Felicitemos a Câmara Municipal e os habitantes de Vila Nova da Barquinha pela nomeação do seu novo Chefe da Secretaria Municipal, pois encontrarão forçosamente nele um amigo prestável e um funcionário consciencioso. Apenas lamentamos, nesta hora em que se realizam os seus desejos de transferência, que este nosso grande amigo não continue entre nós, com a amizade, talento e boa vontade que sempre manifestou. E estamos certos de que todo o povo de Figueiró dos Vinhos, sem uma excepção, nos acompanha nesta saudosa manifestação.

vai o brio dos figueiroenses, por isso estamos convencidos, que o apêlo que a Misericórdia vai lançar, ao nosso concelho, há-de ser correspondido brilhantemente.

Desde o seu habitante mais humilde até ao mais abastado, todos enfim, não deixarão de corresponder para que a construção do seu hospital seja um facto.

Os operários e artistas poderão fazer prestando trabalho, os outros, por meio de materiais e dinheiro.

E sendo assim compreendida, a obra leva-se a efeito, com o sacrificio geral, é certo, mas sem grande dificuldade.

Panorama

Na noite de 20 de Fevereiro de 1929, appareceu junto da residência do sr. José dos Anjos Pires do lugar da Póvoa, comarca de Miranda do Douro, o cadáver ensanguentado de José Afonso Gonçalves—o latocero—seu visinho e com quem, por causa de negócios, estava de relações cortadas. O caso deu brado e, como succede sempre em terras pequenas, a imaginação popular forjou logo um criminoso e vá de acusar o Pires como seu assassino, embora não houvesse prova alguma que o condenasse. O desgraçado Pires esfalfou-se a proclamar a sua inocência, mas a sua voz não teve quem a ouvisse e prevaleceu a voz do povo que mais uma vez se provou não ser a voz de Deus. O infeliz Pires não teve até atenuantes no seu libelo acusatório e os simples indícios provaram que era elle o facinora. Nem o caso de apparecer um rasto de sangue desde determinado ponto até onde se encontrava o cadáver. foi considerado e convenientemente estudada a sua existência no sentido de se averiguar a identidade do criminoso.

Não senhor, a opinião publica apontava o Pires... e o pobre Pires, ouviu, como um sonho mau, a voz da justiça notificarlhe a condenação de 25 anos de prisão e, suprema ironia do destino, passados elles seria entregue ao Governo como vadio! Aos 80 anos...

Drama vivo e dos nossos dias. Parece um folhetim dos que diariamente publicam os grandes jornais. Infelizmente não é a fantasia de romancista é a realidade urdida e tecida pelos nosos semelhantes. José dos Anjos Pires foi pura e simplesmente atirado para o in pace, como um temível assassino.

Ao penetrar, porém, as fronteiras penitenciárias que para sempre (assim era de prever) o separavam da sociedade, o seu apuro e semblante de innocente martirizado, feriu a sensibilidade do director do estabelecimento presidiário que, devido ao permanente contacto com a familia madrasta da sorte, viu nelle um preso diferente dos outros e não desmentiu a afirmação inalterável do Pires: — «estou innocente»

Não obstante, o infeliz entrou no regimen obrigatório e o tempo no seu ritmo matematico foi girando e onze anos longos e soturnos se passaram sem que o denso veu que envolvia o tenebroso drama da Póvoa, se rasgasse e pusesse, à luz a verdade do crime.

Que noites e escuros dias de vigília devem ter desvastado a vida do infeliz transmontano! A sociedade abandonou o e até a familia o esqueceu. Apenas um compadre residente aqui em Lisboa, acreditou na sua innocência e nunca deixou de o visitar.

Deus, porém, nunca desampara os desgraçados. Quando menos se esperava, surge a verdade em circumstancias — continua o drama — de ser difficil, senão impossivel, torná-la pública. O criminoso autentico ruido pelo remorso e abalado pela pregação das divinas verdades prostrou-se aos pés do confessor e disse toda a verdade minuciosamente. O padre sofre com a desgraça do Pires e com a impossibilidade de revelar o segredo. No entanto proclama a innocência do conde-

PROFECIAS...

Consta...

× que um tango, disfrutado a prêmio na As. C., revelara as grandes qualidades que uma menina tem para a dança. Foi pena o Juri não ser reto como a premiada e dividir o prêmio por todas...

× que alguns meninos de unhas grandes devem corta-las, para não estarem sujeitos a observações como esta: tome cuidado que já me magou duas vezes no braço...

× que o grande movimento durante o carnaval em Figueiró, se deve às populações de Arega, Agria, Milharica que se fizeram representar por bailadeiras e bailadores empapelados até os tornozelos...

× que as manifestações carnavalescas cá do burgo foram traduzidas só por coisas velas: o casamento duma velha, o disfarce dum palito andante com uma labita velha e a costumada pobreza do velho espirito de iniciativa...

× que lançamos a confusão nas amáveis leitoras com as crismas que lhes fizemos. Mas creiam que é muito fácil pôr os nomes nos seus devidos lugares...

× que uma menina cá da terra continua a ser cruel, embora não venha do coração essa crueldade, para um cavalheiro que deixa a sua terra das bandas da Castanheira, para vir cá beber os mesmos ares que a sua feiteira...

× que um raminho simbolo de paz é a causa de fortes perturbações num coração duma esbelta menina... Vejam o contrasenso...

× que a eleição que dera o titulo de miss 1940 de Figueiró, recairia de facto em quem a merecia, mas o titulo de miss 1940 é que não foi bem distribuido... houve excesso de justiça que deve causar sobressaltos a Carmencita...

× que o paladino da independencia do Algarve a tempo conseguira apanhar o chapéu que ia sendo anexado por um germânico. Não seria de estranhar que tal acontecesse. E' doença da raça...

× que o caro L. gosta muito de cerejas e por este motivo procurou aproximar-se dum cerejal. para no verão se regalar dos saborosos frutos...

× que algum champagne que se bebera no Club pelo carnaval, destilara-se em fervorosas declarações que não tiveram ressonancia...

Mas tantas vezes o cantaro vai à fonte...

× que um menino priorento ia queimando quasi todo o mobiliário combustivel do seu quarto.

× que açoitado o sr. M. C. seria lembrar a disparidade da aggressão que vem sofrendo a pobre Finlandia...

× que o R. Z não casara no dia marcado, não só por chover muito nesse dia mas também por ter adoecido a noiva com uma doença que lhe costuma aparecer...

Reporter Z

nado e escreve à Relação e ao director da cadeia Nacional.

Foi ouvida a sua súplica e o condenado foi restituído à liberdade condicional e ordenada a revisão do processo. Entretanto descobre-se o nome do autor do crime por um individuo a quem elle tinha confidenciado o delicto.

O José dos Anjos Pires regressou ao seu lar... desfeito.

Ulysses Júnior

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Divagando Conheçamos a Vossa e a Nossa Terra

(Conversando com as erianças de Figueiró dos Vinhos)

D. Filipa, III de Portugal IV de Espanha, concedeu o titulo de «conde de Figueiró» a Francisco de Vasconcelos.

Este, D. Francisco de Vasconcelos, e sua mulher, D. Ana de Vasconcelos e Menezes; D. Pedro de Alcaçovas e Vasconcelos e sua mulher, D. Maria de Menezes, estão sepultados na igreja, na Matriz.

Na mesma igreja, em túmulo, à entrada, lado direito, está os restos mortais de Rui Mendes Vasques e de sua mulher.

¿Será isto, a traços largos a história da vossa terra? — E'. O sr. Professor ainda falou noutras coisas! Assim no antigo castelo viveu e fez seu solar o 1.º marquez de Castelo Melhor, neto do grande ministro de D. Afonso VI.

—E' isso, é.—...

—Ahl sim. A história da vossa terra, nas suas épocas de progresso, de estacionamento e decadência, é mais, muito mais larga. Muitas coisas nos ficaram, nos ficam por dizer. Por exemplo?—A comarca foi para o Pedrogão Grande em 1875 e só voltou em 1895.

—¿E qual foi o ministro que a transferiu novamente para cá?

—João Franco.

—Eis a razão da vila ter um largo com o seu nom: Largo Condeheiro João Franco.

Pagou-se uma divida de gratidão...

A história da vossa terra, da vossa vila é antiga e moderna; é grande... E continua!...

Eu gosto de contemplar O nosso Parque florido, E às vezes vou-me sentar Num bancozito escondido Entre roseiras que exalam Um perfume inebriante Emquanto pertinho falam No seu pipilar constante As pequenas andorinhas. Oigo então queixas sentidas Que me fazem as florinhas Com vozitas doloridas

Ontem fui só, ao sol-pôr, Sentar-me naquele outeiro. Lançando a vista em redor Vi no Parque um pessegueiro Todo cheio de estrelinhas Côr de rosa, desmaiadas Com páldas luzinhas Brilhando nas madrugada.

Do coração maguado Ao ver tamanha beleza Rompeu um canto obrigado A' mão da Mãe—Natureza. As abelhitas doiradas Beijavam-lhe as flôres mimosas. Pairava pelas quebradas Um mago aroma de rosas. Invadiu-me uma ternura, D. desconhecida ansiedade. Quis cantar tanta doçura Tão serena alacridade.

O nosso Parque florido Como é lindol como é belol Lembra um diamante caído De algum doirado cabelo. Eu gosto de o contemplar Assim tão encantador! Hei-de sabê-lo cantar Em lindas canções de amor.

Maria da Saúde

Jardim Parque de F. V. 12-2-940

União Nacional

E' hoje inaugurada em Leiria a sede da União Nacional.

Para esse fim devem assistir os organismos mais representativos desta organização politica e todos os presidentes das Câmaras do distrito.

A' la minute

Ao deambular pela praça em busca de emoções novas, num dia de mercado, que por acaso era Domingo, consegui que a minha atenção ficasse presa pelo ardor juvenil que uns olhos castanhos escuros possuíam; por um corpo, branco de lírio e com requebros de vime que fascinavam e pela alegria que imprimia ao ambiente, quando o seu simpático rosto se abria brilhante como uma estrela num riso encantador, cristalino e embalador, como uma música ardente e melodiosa. Os seus lindos dentes brancos de jaspe emprestavam tal encantamento ao seu meigo sorriso, que o sol, doído de amor, nelas se retratava, vaidoso e imponente como um imperador.

Um pouco distante do coração da Vila está o seu ninho de Tágide emigrante a qual muitas vezes, forçada a acordar pelo chireio gárrulo dos escolares, acaba o sonho que a embalava, para depois lhe mostrar a realidade duma ausencia que a entristeca. Lamenta, segundo creio, haver só um carnaval durante o ano, porque é nesta quadra que há três dias seguidos de bailes, música e juramentos...

O seu sobrenome, lembra-me um período histórico do império Arabe e que consta duma rainha, formosa, que se chamava...

Reporter Z

Simões de Almeida na Sociedade Nacional de Belas Artes

Por iniciativa da Academia Nacional de Belas Artes, realizou-se em Janeiro passado, nos salões da Sociedade Nacional de Belas Artes, à Rua Barata Salgueiro, a exposição de dois artistas portugueses:— Simões de Almeida (tio) e Veloso Salgado.

Deixemos, porém, Veloso Salgado (não por desmerecimento da sua arte), e falemos somente do primeiro, que nasceu em Figueiró, e que, por isso, deve merecer-nos certa simpatia.

Constava a exposição do falecido Excultor de 24 trabalhos. Entre elles, havia-os em mármore, em bronze (medalhões e bustos) gessos, etc. Figuravam trabalhos de pensionistas em Paris e Roma: O Jovem Grego, Preto do Arco (que pertence ao Museu de Arte Contemporânea), Pescador, Orção e Desfolhamento Malmequeres. Havia medalhões de Soars dos Reis e Tomaz da Anunciação; bustos do Duque de Avila, Fontes Pereira de Melo e de João Rosa.

Quere dizer: alguns dos grandes vultos da Arte e da Política de Portugal.

E para terminar a noticia, porque da noticia se trata, menciono ainda três verdadeiras obras primas:—D. Sebastião, Puberdade e Esperança e Saúde.

Contribuir para o conhecimento da obra de Mestre Simões de Almeida é contribuir para o conhecimento de um dos grandes artistas portugueses da escultura.

Lisboa, 5 de Fevereiro.

M. D. H.

Jornais

Recebemos pela primeira vez: O Barreiro, semanário regionalista (Barreiro); O Trabalho, semanário republicano (Visen); Ecos do Sul, quinzenário regionalista e noticioso (Vila Real de Santo António); Mensageiro do Ribatejo, (Vila Franca de Xira); e Portugal, semanário anti-comunista (Leiria). Agradecemos.

Propaganda de Portugal em França

O «Comité Catholique des Amis Français à l'étranger» dirigiu às escolas de Leiria onde se professa o ensino de francês um amável convite para participarem no concurso internacional de composição franceza. As composições que forem enviadas pelos alunos das nossas escolas serão incluídas numa publicação sob o titulo «La Jeunesse portugaise vous parle.» Espera-se que Leiria se represente bem nesse concurso.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- José Augusto Leitão Nunes, Escalos Fundeiros
- Celestino Fernandes Entradas
- Pela sr.ª Maria de S. José Silva foi paga a assinatura do sr. António da Silva Agria de S. Paulo Brasil.
- Joaquim Simões Cêrca, S. Paulo Brasil,
- Augusto Antunes, Vilas de Pedro
- José Francisco Leja, Campelo
- Alberto dos Santos, Beira, cuja assinatura foi paga até ao n.º 514 por José Simões Baião.

Domingues

GÉLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

Correspondências

Bêco de Santo Aleixo—No dia 6 de Janeiro do ano corrente realizou o seu casamento religioso no Santuário de Nossa Senhora de Fátima a menina Henriqueta Martins da Cunha, filha do nosso estimado amigo Manuel Martins da Cunha e de D. Maria da Glória Martins, da Quinta do Telhado, desta freguesia, com o sr. António Pires, abastado proprietário. Aos noivos os nossos parabéns e desejamos-lhes muitas felicidades.

—De visita à sua família, demoraram-se neste lugar e freguesia do Bêco alguns dias o nosso presado amigo sr. Raul Antunes e sua ex.^{ma} esposa D. Maria Augusta Garcez Amado com seu filho José Eduardo Soares de Queiroz, estudante da Escola Comercial em Lisboa.

Paio Mendes—Cumprindo um dever de gratidão, publicamos hoje os nomes das pessoas que concorreram com as suas ofertas para a compra do presépio do Natal para a igreja desta freguesia. O nosso Pároco ofereceu um pão de ló de Figueiró (10\$00). A sr.a D. Assunção Fonseca Barbosa, da Ereira, fez presente dum galo (21\$00). Mais 1½ alqueire de trigo da sr.a Maria de Jesus Mesquita (7\$00). Mais 5\$00 do amigo José Lopes Alcobia; mais uma garrafa (1\$10) de alguém que mostrou interesse pelo presépio do Menino Jesus; mais 2\$50 da sr.a Ana da Silva Alves; mais outro tanto (2\$50) da sr.a Carolina Lopes; mais 10\$00 ex.mo Professor Camilo; mais 1\$00 do sr. Olímpio; mais mil e quinhentos réis do nosso Sacristão; mais dez escudos do sr. Alvaro Martins d'Oliveira e de sua ex.ma Esposa; mais cinco mil réis da sr.a Jacinta Alcobia; mais dois escudos do sr. Nunes da Frazoeira (nem desta vez faltou à chamada!) mais 2\$00 da sr.a Maria da Piedade Silva; mais 1\$50 da «ti» Maria das Neves; mais 2\$50 do sr. José Maria de Sousa e 5\$00 do ex.mo Hernani Real; mais vinte escudos do amigo Rato da Frazoeira; e mais uma nota de vinte escudos e uma corôa de dez mil réis do amigo e sr. Capitão Pires — e temos dito e agradecido com «Deus lhes pague».

Bêco, 30 de 1940

C.

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Nos termos do artigo 875 do Código do Processo Civil se torna público que nos autos de execução hipotecária que Manuel da Silva, residente no lugar do Castelo, freguesia de Campêlo, desta comarca, move a Palmira de Jesus e suas filhas menores Palmira, Cesaltina, Albertina e Engrácia de Jesus, com ela residentes no dito lugar do Castelo, foi pelo mesmo Manuel da Silva requerida a adjudicação dos prédios áquelas penhoradas e adeantes identificados oferecendo os preços também adeante referidos:

- 1.º—Casas de habitação no lugar do Castelo, confinando do nascente com a Rua, poente e norte com José Lopes e sul com a Rua. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:686 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:361. Foi oferecido o preço de 1.500\$00
- 2.º—Terra de sementeira sita à Tapada, limite do Castelo, parte do nascente com Beatriz de Jesus, poente com Manuel da Silva, norte com o régo e sul com o caminho.

Junta Nacional dos Resinosos

CAMPANHA DE 1940

RESINAGEM DE PINHAIS

(Decretos números 28:492 e 30:254)

1) As dimensões máximas das feridas para resinagem são, no ano de 1940, as seguintes:

Largura	11	Centímetros
Profundidade	1,5	»
Altura:		
1.º ano	50	»
2.º »	55	»
3.º »	55	»
4.º »	60	»
TOTAL	220	»

Na medição da largura das feridas é sempre admitida a tolerância máxima de 1 centímetro e na medição da profundidade a de meio centímetro.

2)—Não poderão fazer se presas de dimensões inferiores a 10 centímetros, nem resinar pinheiros com menos de 30 centímetros de diâmetro na altura do peito (a 1^m,30 do solo), salvo, neste último caso, quando se trate de árvores para desbaste ou corte final.

E' ainda permitido resinar pinheiros com menos de 30 e mais de 25 centímetros de diâmetro na altura do peito (a 1^m,30 do solo) desde que a exploração para resinagem desses pinheiros tenha sido iniciada antes de 1940.

3)—Salvo quando se trate de árvores para desbaste ou corte final, não poderão fazer-se novas feridas na base de cada pinheiro sem que as anteriores tenham sido exploradas pelo menos durante 3 anos, mas a exploração do primeiro ano de uma nova ferida deve ser simultânea com a do quarto ano da ferida anterior; podem, no entanto, explorar-se simultaneamente duas feridas no mesmo pinheiro, independentemente dessa restrição, quando elle tenha atingido 40 centímetros de diâmetro na altura do peito (a 1^m,30 do solo).

4) — Pelas feridas praticadas em contravenção do disposto nos n.ºs 1, 2 e 3 serão responsáveis: a)—os industriais de produtos resinosos, quando os trabalhos de resinagem estejam sendo efectuados por capatazes ou emprei-

teiros inscritos na Junta a seu pedido ou por quaisquer pessoas que trabalhem por sua conta e sob as suas ordens; b)—tôdas as pessoas que, embora não inscritas na Junta, estejam procedendo a trabalhos de resinagem; c)—os proprietários dos pinhais que os estejam resinando por sua conta.

5)—Os responsáveis incorrerão numa multa nunca inferior a 1\$00 por cada ferida ilegalmente praticada, podendo esta multa—tratando-se de industriais inscritos na Junta — ascender a 50.000\$00.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1940.

JUNTA NACIONAL DOS RESINOSOS

Rua Mousinho da Silveira, 34—LISBOA

Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:687 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:284. Foi oferecido o preço de 900\$00

3.º—Terra com oliveiras sita ao Barreiro, limite do Castelo parte do nascente com José Lopes, poente com Beatriz de Jesus, norte com Francisco Simões Agria e sul com Joaquim da Silva. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:688 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:219. Foi oferecido o preço de 250\$00

4.º — Terra com oliveiras ao Quintal da Tapada, limite do Castelo, parte do nascente com Manuel Simões da Silva, poente com Francisco Simões Agria, norte com Beatriz de Jesus e sul com o régo. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:689 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:285. Foi oferecido o preço de 50\$00

5.º—Terra de sementeira no sítio da Junqueira, limite do Castelo, parte do nascente com o Ribeiro, poente e norte com Manuel da Silva e sul com Beatriz de Jesus. Está descrita na Conservatória sob o n.º 29:690 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:175. Foi oferecido o preço de 300\$00

6.º—Terra de sementeira sita à Ribeira limite do Castelo, parte do nascente com o Ribeiro, poente com José dos Santos, norte com Beatriz de Jesus e sul com Manuel Simões da Silva. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:691 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:312. Foi oferecido o preço de 200\$00

7.º—Terra de sementeira no sítio da Tapada, limite do Castelo, parte do nascente com herdeiros de Jo-

quim Mendes, poente com José Lopes, norte com o régo da água e sul com Beatriz de Jesus. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:692 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:286. Foi oferecido o preço de 200\$00

8.º — Pinhal sito ao Zorro, limite do Castelo, parte do nascente com a estrada, poente, norte e sul com Baldios. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:693 do livro B. 75; é omissão na matriz e foi oferecido o preço de 50\$00

9.º—Pinhal na Barreira do Pau, limite do Castelo, parte do nascente com baldio, poente com José dos Santos, norte com a estrada e sul com José Fernandes. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:694 do livro B. 75 e é omissão na matriz. Foi oferecido o preço de 50\$00

10.º—Terra de sementeira, ao Ribeiro, limite do Castelo, parte do nascente com o Ribeiro, poente com o baldio, norte com João Alves Pereira e sul com Joaquim Coelho. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:695 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 12:081. Foi oferecido preço de 250\$00

11.º — Terreno no Vale dos Castanheiros, limite do Castelo, parte do nascente com baldios, poente com o régo, norte e sul com Manuel da Silva. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:696 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 12:889. Foi oferecido o preço de 50\$00

12.º — Terreno no Vale dos Castanheiros, limite do Castelo, parte do nascente com o régo,

poente e sul com Manuel Simões e norte com Antonio Francisco. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:697 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 12:905. Foi oferecido o preço de 100\$00

13.º— O direito e acção a 1/6 de uma casa de habitação no lugar do Castelo, parte do nascente e poente com a Rua, norte com Manuel da Silva, e sul com David Tomaz. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:698 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 728. Foi oferecido o preço de 300\$00

Todos estes prédios são situados na dita freguesia de Campêlo. Dentro de 10 dias a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio pode qualquer pessoa oferecer maior preço e apresentar-se a exercer o direito de preferencia, e se ninguém o fizer dentro do dito prazo, serão os bens adjudicados ao requerente nos termos do art.º 906 do dito Código do Processo Civil, e sendo maior preço do indicado oferecido, ou apresentando-se algum preferente, será feita a adjudicação nos termos do artigo 876 do mesmo Código.

Figueiró dos Vinhos 16 de Janeiro de 1940.

O chefe da 2.ª secção

Joaquim José da Conceição Junior

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito

Themudo Machado

Jornal «A Regeneração»—n.º 500 de 17 de Fevereiro de 1940

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS 2.ª publicação

Faz-se saber que no dia três de Março, próximo, pelas onze horas, à porta do Tribunal Judicial, desta comarca, vão à primeira praça, para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado, os prédios abaixo descritos, penhorados nos autos de execução de sentença que Manuel de Assunção, casado, proprietário, dos Muninhos Cimeiros, move ao Ministério Público, como representante da Fazenda Nacional e Maria Lopes, viuva, dos Muninhos Fundeiros.

Prédios

Um talho de terra de seca no sítio da Portela, limite dos Muninhos Fundeiros que parte do nascente com Manuel Dias, poente, norte e sul com a estrada. Vai à praça no valor de 74\$80

Deste prédio é usufrutuário Rita de Jesus, viuva dos Muninhos Cimeiros.

O direito e acção a metade de um talho de terra de rega, sita ao Ribeirinho, limite dos Muninhos Cimeiros, parte todo o prédio do nascente com Joaquim Lopes, norte com a estrada, poente com a barroca e sul com o caminho.

Vai à praça no valor de 74\$80

O direito e acção a metade de um talho de terra de rega, sita ao Portal do Meinho, limite dos Muninhos Cimeiros parte todo o prédio do nascente com a estrada, poente com a barroca, norte com Manuel Lopes e sul com herdeiros de António Lopes. Vai à praça no valor de 220\$00

O direito e acção a metade de uma terra de rega, sita ao Ribeiro dos Muninhos, limite dos Muninhos Cimeiros, parte todo o prédio do nascente com Joaquim Lopes, poente com a barroca, norte com a estrada e sul com o caminho. Vai à praça no valor de 22\$00

Secretaria Judicial da comarca de Figueiró dos Vinhos aos vinte e quatro de Janeiro de mil novecentos e quarenta.

O chefe da 1.ª Secção

Jaime Ribeiro Sucena

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de direito

Themudo Machado

Jornal «A Regeneração»—n.º 500 de 17 de Fevereiro de 1940

Banco Espírito Santo

e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Guarda-livros, oferece-se. Quem pretender deitar-se a José Francisco Deniz Carvalho — Castanheira de Pera.

Quebra-Gelos

por André Valmar

A recente leitura dos quatro romances de Rosamond Lehmann (Poussiére, Une note de musique, Invitation à la valse, Intempéries, nas traduções francesas de Jean Talva para a livreria Plon de Paris) trouxe-nos ao espírito a intenção de escrever este artigo em que focaremos certos pontos relativos à educação das raparigas inglesas, à maneira como elas encaram e sentem a vida.

Desde já começamos por lamentar que não haja traduções portuguesas desses livros e de outros semelhantes para que todas as nossas raparigas os lêssem e reflectissem sobre eles. E aqui os aconselhamos a todas as que conhecem suficientemente bem o francês ou o inglês.

Ficámos realmente encantados com aquela camaradagem, aquela convivência respeitosa e amiga entre os dois sexos, aquele amor à saúde, à higiene, ao desporto, à natureza. Como são admiráveis aqueles passeios pelo campo, aquelas práticas de natação, aquela solidariedade entre estudantes em Oxford, aquela funda ternura por tudo quanto é vivo, natural e humano!

Não poderemos esquecer mais certas cenas surpreendentes destes romances que não propõem resolver problemas, mas onde se retrata com uma fidelidade impressionante a vida quotidiana. Como não podemos também deixar de entristecer ao pôr em confronto aquelas raparigas com as nossas portuguesitas, minadas de preconceitos, metidas dentro de casa, acanhadas nas suas relações com os homens, enfezadas e cloróticas por falta de cultura física...

Outro aspecto, relacionado afinal com o precedente, e que nos causou uma profunda impressão, foi o alto nível da mentalidade feminina inglesa. Tinhamos lido quasi com desconfiança os 2 romances de Aldous Huxley (Point Counter Point, Eyeless in Gaza) quando ele nos apresentava aquelas mulheres que, em pé de igualdade com os homens, discutiam os mais graves e intrincados problemas que tem preocupado a humanidade de todos os tempos: a existência de Deus, a finalidade da Vida, a explicação do Amor, as desigualdades sociais, etc.

Parecia-nos que essas personagens eram «fabricadas», produtos do cérebro dum romancista eminentemente intelectual. Mas agora confessamos o nosso erro, proveniente afinal do descobrimento da vida dos anglosaxões. Rosamond Lehmann veio mais uma vez mostrar-nos quão mesquinha e injusta, quão triste é a situação das nossas raparigas.

Eis porque me parece que não devemos esmorecer na nossa luta obstinada para fazer das nossas raparigas verdadeiras mulheres modernas; para criar uma camada de intelectuais portuguesas que conosco colaborem e contribuam para dar solução aos seus mais urgentes problemas (problemas urgentes e inadiáveis tanto nas cidades como nas províncias, tanto para as mulheres que pensam como para as que trabalham manualmente).

Para que saibam e possam conquistar e defender os seus direitos, melhorar as suas relações com o outro sexo, dulcificar um pouco a própria existência, que a natureza tão impiedosamente maltratou com os pesados encargos duma tragédia biológica: a maternidade.

1940

Aos Editores

Faremos referência crítica a todos os livros de que nos for remetido directamente um exemplar, além das ofertas pessoais.

Toda a correspondência referente a este Boletim deve ser remetida para: João Tendeiro — Figueiró dos Vinhos.

O MEU AMIGO SUICIDA... dos livros

por Julião Ricardo

*O meu amigo
estava, já há semanas,
metido no seu quarto silencioso,
cultivando a sua dôr,
como se cultivava uma planta de sombral...*

—... E julgava que, assim, a mataria!...

*Por fim,
desesperado perante a sua angústia
que teimava em viver no escuro
do seu quarto
e do seu peito
— como um trági-cômico morcêgo
que tem medo
da luz —
o meu amigo resolveu matar-se.*

*Foi isso que êle me disse,
quando o procurei...*

*Eu não lhe fiz o sermão habitual de frases feitas
e de eloquência inútil.
Tonei-o pelo braço
e disse-lhe:—“Vem daí!...”*

*Trouxe-o cá para fora,
para o contacto da Natureza verdejante e forte,
cheia de frutos
e de promessas...*

*O meu amigo,
olhava para tudo, com espanto,
como quem sai dum pôço,
ou dum sepúlculo
e reconhece que, cá fora,
não acabou o mundo, nem a vida...
Viu que ainda era dia claro...*

*E disse-lhe:—“Camarada, escuta a voz da Natureza
que te fala
de vida
e de saúde,
de luta e de trabalho!*

*Vê como tudo é belo
e como todas as coisas apontam os seus braços
para o Futuro
cheio de Sol!*

*Ouve a mensagem da Vida!
Enche desta Luz
as apagadas meninas dos teu olhos!*

*Repara neste esforço universal
para a vida
e para a Harmonia!*

*E se, não entenderes a voz da Natureza
que te chama
e queres continuar a ser
escravo das tuas angústias
banais,
então,
volva para o silêncio do teu quarto
e mata-te, sem medo...*

—... E o meu amigo não voltou para o silêncio escuro do seu quarto!...

A noção de poesia passa, em certos poetas, além dum simples aspecto de realização emotiva, para entrar num campo nitidamente intelectual. Isto é: neles a limitação inicial da criação poética deixou de ser tomada apenas no sentido de poesia de circunstância, de momento subconsciente, para se subordinar à inteligência e às realidades ambientes. Por seu lado, outros continuam a considerá-la apenas como o momento lírico fugaz em que o pensamento se transcende pela fuga de todas as faculdades do intelecto com predominância das reacções do subconsciente. E' este o caso, por exemplo, da geração da revista *presença*, em que a arte parece ser apenas considerada como um luxo da sensibilidade, um jôgo de palavras a significar emoção, estado de graça, instante fugaz ou esteticismo requintado.

O livro de que hoje nos ocupamos não entra decerto nesta última categoria. Feitos segundo os preceitos clássicos das formas metrificadas, vem demonstrar claramente que tanto os jovens que se conservam fieis às regras da estilística como os que as renegam procuram em unísono motivos para a inspiração no grande tema:—a humanidade.

Janela Aberta é o feliz título dum livro de poemas da autoria de Leonel Neves. A preocupação de humanizar a que atrás nos referimos encontra-se patente nos três poemas que o compõem, repartida descriptivamente em tipos populares focados na sua vida de sempre. Assim, no primeiro poema, *Janela Aberta*, que dá o nome ao livro e abre com uma bela quadra:

*Fujo às vezes de mim, mas quando parto,
Não posso acreditar nessa partida
A janela é do quarto para a vida?
Ou é antes da vida para o quarto?*

vemos passar: varinas; a costureira, que

— confecciona sedas, veste chita;
— serve palácios, vive na trapeira;

os cauteleiros:

*E passa agora um cauteleiro velho,
Grita, cantando, um número qualquer,
dá-nos o seu palpite, — esse conselho
em que êle próprio nunca sabe crer...*

os operários, com

as condecorações das queimaduras;

as sopeiras; as camponesas; os garotos dos jornais, etc., — uma série de tipos vistos da janela para a vida, fotografados na rua. Poder-se-ia objectar — e muito defensavelmente — que em si a idéa da representação dessas figuras vivas não é poesia, por lhe faltar a parcela subconsciente que muitos requerem. Mas, mesmo que, por um excesso de escrúpulos, classificássemos os poemas de Leonel Neves apenas de versos descriptivos burilados, não podíamos nunca separar emoção criadora da emoção geral dos seres vivos em frente dos temas belos. E os temas de *Janela Aberta*, tanto do primeiro poema (*Janela Aberta*), como do segundo (*Alentejo* — um símbolo que é “a história de todos os países da terra e merece ser cantada em todas as línguas do mundo”), e do terceiro (*Poema da involuntária saudade*:

*.....
E o sol que é braza-côr, doido, febril,
mudou a areia fresca em fogo loiro,
dividiu o seu oiro em oiros mil
e coloriu a linda Costa de Oiro.
.....*

*Moças do litoral, meu coração
entre nós minha noiva ia buscar
— para ter a sensação
de roubar a noiva ao Mar!*

.....) — são incontestavelmente belos.

A questão de forma, se não encontra inovações em Leonel Neves, a não ser talvez a reunião de versos heróicos com versos de redondilha, não continua aqui a ter razão para ser debatida.

J. T.

TODOS reconhecem unanimemente que o princípio fundamental para a iniciação duma «cultura popular», é a extinção do analfabetismo, aliando-lhe o indispensável desafogo económico da vida de todo o trabalhador. Também o trabalho não deveria ser tanto e tão extenuante; as horas de labor diminuídas, mais repartidas e melhor distribuídas, para sobrarem as que se devem dedicar ao estudo para que ao operário sobejem as forças morais e físicas que o estimularão a esse estudo. Um homem cansado dum dia de trabalho fatigante, numa habitação inferior, mal alimentado e acoburnhado de preocupações de toda a ordem, não pode sentir disposição para o estudo nem interesse por êle; só raros exemplos de força de vontade e amor ao estudo vencem e desprezam todos os obstáculos para saciarem a sua sede de saber.

(Associação Fontes Machado, em O Trabalho,